

Feminismo na playlist: uma abordagem das questões de gênero no universo dos DJs

Feminism in the playlist: an approach to gender issues in the DJs' universe

Vanessa Dias de Assis Caldeira Gonçalves¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as questões de gênero no universo dos DJs. Será buscado analisar as condições de trabalho de mulheres DJs e os preconceitos aos quais estão expostas no exercício de sua profissão. Por conseguinte, a exposta pesquisa terá como recorte temporal e geográfico o cenário musical brasileiro a partir dos anos 2000. A abertura desse ramo às mulheres ainda é pequena, pois esta é uma profissão em que a maior parte dos profissionais são homens, relegando, assim, a presença feminina. Este trabalho busca analisar como as mulheres que escolhem seguir em suas carreiras como DJs sofrem com a maciça discriminação de gênero e lidam com o assédio sexual em seus ambientes de trabalho. Também será buscado compreender que a construção dos estereótipos de gênero são produtos sociais e não meras características biológicas. Essas produções da cultura e da sociedade estão enraizadas na sociedade brasileira, extremamente machista e de valores tradicionalistas e patriarcais. É a essa sociedade que as mulheres DJs desafiam quando peitam esse mercado de trabalho em busca da realização profissional.

Palavras-chaves: DJ. Feminismo. História das Mulheres. Questão de gênero.

ABSTRACT

This work has gender issues in the universe of DJs as its object of study. It will be sought to analyze the working conditions of DJ women and the prejudice that they are exposed to in the exercise of their profession. The research will have as a temporal and geographical scene the Brazilian music scenario from the 2000s onwards. The opening of this field to women is still small and that is a profession in which most professionals are men, relegating the female presence. This work seeks to analyze how women choose to pursue their careers as DJs, suffer from massive gender discrimination, and deal with sexual harassment in their work environments. It will also be looking for understanding that the construction of gender stereotypes are social products and not merely biological characteristics. These productions of culture and society are rooted in Brazilian society, which is extremely sexist and based on traditional and patriarchal values. That is the society that women DJs challenges when they face that market looking for professional achievement.

Keywords: DJ - Feminism - Women's History - Gender issues

161

¹ Graduada em História e Pós Graduada em História do Brasil Contemporâneo pela Universidade Estácio de Sá (UNESA - Campus Cabo Frio). E-mail: vanessadias.95@live.com

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda sua vida.

Simone de Beauvoir

O presente artigo busca esmiuçar as relações de trabalho no universo dos DJs. Essa profissão surge com a *disco music*, nos anos 1970, e vêm ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento. Contudo, a abertura desse ramo às mulheres ainda é pequena e é esta uma profissão em que a maior parte dos profissionais são homens, relegando, assim, a presença feminina.

Também será buscado compreender que a construção dos estereótipos de gênero são produtos sociais e não meras características biológicas. Essas produções da cultura e da sociedade estão enraizadas na sociedade brasileira, extremamente machista e de valores tradicionalistas e patriarcais. É a essa sociedade que as mulheres DJs desafiam quando peitam esse mercado de trabalho em busca da realização profissional.

Assim, este trabalho busca analisar como as mulheres que escolhem seguir em suas carreiras como DJs sofrem com a maciça discriminação de gênero e lidam com o assédio sexual em seus ambientes de trabalho. Dessa forma, será pontuada também a importância do movimento feminista na garantia de que as mulheres possam escolher as profissões que desejarem.

Essa pesquisa tem seu contexto histórico em meio ao cenário musical das últimas décadas, dos anos 2000 até os dias atuais. É nesse período que vemos o barateamento de muitos equipamentos eletrônicos e, assim, a possibilidade da inserção de classes sociais menos favorecidas em ramos como a profissão de DJ. Nessa época, vemos também um maior número de mulheres se inserindo em diversas profissões vistas como masculinas. Contudo, ainda que essa abertura exista, o machismo estrutural ainda apresenta um desafio a ser enfrentado pelas mulheres DJs. Desse modo, o objeto de estudo desta pesquisa é a questão de gênero no meio de trabalho dos DJs e como as mulheres sofrem discriminação de gênero nesse cenário.

Para trabalhar a questão de gênero, foi utilizado nesse trabalho a pesquisa de Butler (2003), Scott (1990) e Beauvoir (2005). A partir dessas autoras, foi possível traçar uma reflexão sobre a construção das identidades de gênero como uma construção cultural e social e não como um determinante biológico.

A partir do texto de Cohn (1995) foi possível iniciar a reflexão da importância da música ao longo do tempo e do espaço e como ela é presente na vida humana. Para compreender a trajetória da música eletrônica e o surgimento da profissão de DJ, foram analisadas as obras de Simoes (2013), Pedrosa (2013), Nakano (2010), Garson (2018), Galletta (2013), Ferreira (2017), Carvalho (2015) e Araldi (2010).

Após tecer considerações sobre a consolidação da profissão DJ, buscou-se destrinchar melhor suas funções. Para isso, foram utilizadas as pesquisas de Fontarini (2008), Honorato (2018), Pinto (2005), Vargas, Carvalho e Perazzo (2018). Por fim, para que fosse construído um discurso acerca da discriminação de gênero no mercado de trabalho, serviram de referência os trabalhos de Sousa e Guedes (2016) e Carloto (2002).

Desse modo, esse trabalho se utiliza de fontes bibliográficas, sustentando, assim, a pesquisa a partir das produções de autores sobre este tema. Dessa forma, por metodologia, foi optada a revisão de literatura. É essa então uma pesquisa qualitativa e exploratória, uma vez que visa uma maior aproximação com o tema a partir da bibliografia pesquisada para a posterior análise da pesquisa realizada e produção da discussão sobre o assunto e, por fim, a exposição dos resultados obtidos.

Assim sendo, após as etapas estabelecidas na metodologia aplicada nesta pesquisa, foi possível compreender que ainda há um longo caminho até que a sociedade brasileira se torne verdadeiramente igualitária. A discriminação de gênero ainda é uma realidade constante no mercado de trabalho e no meio artístico, no universo dos DJs, vemos claramente a predominância da figura masculino.

As pautas feministas fazem-se então extremamente necessárias para que as mulheres DJs enfrentem e machismo no mercado de trabalho e quebrem com os grilhões da sociedade

brasileira que segue atrelada a valores patriarcais.

A história da música e a arte de DJing

Falar de música, seu consumo e produção torna-se uma árdua tarefa já na conceitualização desses termos. O que a música é e qual sua origem e importância ao longo da história e trajetória da humanidade na Terra?

Max Weber nos traz a “reconstrução do desenvolvimento da música ocidental, comparada com a de outros contextos culturais” (COHN, 1995, p.10) e em seu texto pode-se notar a o grande fascínio que a música provoca em diferentes povos, períodos e regionalidades. Sendo então a música tão intrínseca à história do ser humano em sociedade, qual seria o diferencial desta arte na contemporaneidade?

O advento da pós-modernidade, assim como todos os processos históricos, trouxe consigo rupturas, mas também seguiu com permanências. Um dos fatores mais determinantes para as mudanças sociais e culturais que ocorreram nas últimas décadas foi o rápido e intenso avanço das tecnologias.

Dessa forma, os avanços tecnológicos das últimas décadas, o surgimento da internet e de mídias digitais modificou não somente as formas de relacionamento, de acesso e troca de informação e muitas outras áreas das relações sociais, mas também o modo de fazer e consumir as artes, mas especificamente para os fins deste trabalho, a música.

A produção em série de mercadorias e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa revolucionaram as concepções de cultura nas sociedades ocidentais entre os séculos XIX e XX. No mesmo período, a música ganhara aspecto de produto cultural industrializável, ao ser inserida no sistema de produção em massa, com o advento do disco de goma-laca de 78 r.p.m (rotações por minuto), reforçado pelo LP (Long-Play) a partir de 1948, o que impulsionou a consolidação da indústria fonográfica ao permitir a “reprodutibilidade técnica massiva da gravação sonora” (DE MARCHI, 2005, p. 19 apud CARVALHO, 2015, p. 1).

A produção cultural de um modo em geral passa então a sofrer grande influência das tecnologias atuais. As mídias digitais se tornaram plataformas que possibilitam a rápida difusão de obras e artistas e os recursos tecnológicos irão influir também no modo de produção das obras musicais.

Tais mudanças possibilitam a produção musical fora dos estúdios. Com a aquisição de equipamentos, como um computador pessoal, é possível produzir música e difundi-la ao redor do mundo. Esse é um ponto crucial para compreender a popularização do DJing, isto é, a ação de ser DJ (*Disc Jockey*).

Os DJs fazem música com pouco ou nenhum domínio técnico de performance e teorias musicais da academia. Computadores são os meios de produção, circulação e consumo da música dessa cultura. Um mundo em uma tela, mas também fora dela. (PEDROSA, 2013, p.19)

Sendo esta nova geração de nascidos na era digital os principais responsáveis pelo cenário musical contemporâneo, fica claro que a familiaridade com este ambiente se refletiria nos gostos e formas de pensar música. Por conseguinte, a música eletrônica produzida em ambiente digital tem ganhado espaço e respeitabilidade no universo artístico. Segundo Ferreira (2017, p. 474), “entre os vários estilos musicais atualmente disponíveis, a música eletrônica de dança tem se destacado como um dos mais relevantes entre as culturas juvenis contemporâneas”.

A música eletrônica não nasceu no ambiente digital, mas sim da utilização de instrumentos eletrônicos em meados do século XIX. Contudo, os avanços tecnológicos possibilitaram a produção musical diretamente através de equipamentos digitais. Nos anos 1980, a chamada música disco era febre entre os jovens e esta cultura popular pode ser considerada como os primeiros passos para a música eletrônica como a conhecemos hoje.

A emergência da disco *music* constitui um estágio inicial no qual as bases simbólicas da cultura da música eletrônica são montadas. Já na década de 80, as cidades de Chicago, Nova York e Detroit constituem um circuito de produção, circulação e consumo específicos, que fazem da música eletrônica uma cultura de nicho, que tem na ideia de underground, conceito problematizado mais à frente, seu elemento fundador. O estágio seguinte é a sedimentação de seu universo simbólico através do fenômeno das raves. Posteriormente, assistimos à profissionalização dessa

cultura, o que põe em xeque os valores e hierarquias do underground sobre os quais ela até então se pautava. (GARSON, 2018, p.108)

As festas e vida noturna são ligadas a boemia e subversão em diversas culturas e sociedades. De igual forma, raves e boates são retratados não somente como espaços para socialização e diversão, mas também como ambientes onde os jovens, de uma maneira em geral, expõem seu descontentamento contra valores vigentes através da música.

Nesse cenário, a música eletrônica toma novas formas e se consolida como cultura popular, sendo amparada tanto em sua produção quanto na execução e divulgação, nas mídias digitais e ferramentas tecnológicas. A arte de DJing se torna, desta maneira, mas acessível a diversos artistas, os equipamentos não são mais tão restritos apenas a classes sociais de maior poder aquisitivo.

O DJ é um artista performático. Essa profissão surge com os primeiros toca-discos, quando foi possível utilizar tal objeto como instrumento musical, para que através dele fosse produzido um outro som, que não o originalmente gravado.

A prática musical de DJs (*discjokeys*) consiste em uma expressão artística que envolve diversos elementos. Entre eles, destacam-se a produção musical, a utilização de trechos de outras músicas, mixagens e *samplers* e o uso do tocadiscos como instrumento musical. A partir do momento em que o DJ começou a utilizar o disco não apenas para reproduzir música,

mas também para extrair e recortar sons dele derivados, ele passou a ser considerado como um artista (FIKENTSCHER, 1991 apud ARALDI, 2010, p. 1).

Segundo Garson (2018, p. 108), a música eletrônica tem “foco na performance efêmera dos DJs que na pista de dança combinam discos gerando sequências sonoras singulares a cada apresentação”. O DJ seria então o maestro desse gênero musical, traçando um comparativo com a música clássica, mas os ouvintes fazem a vez dos instrumentos orquestrados. Ao ritmo do DJ, dançam os corpos, ao seu comando, ao girar de seus dedos. A arte de DJing é então peculiar e sedutora, e, embora se faça mais acessível na atualidade, ainda não é completamente aberta a todos os grupos.

A democratização do acesso ao consumo e a produção cultural possibilita então que grupos, outrora marginalizados, não apenas consumam as artes, mas que a produzam, a repaginem. É este então um momento em que as mulheres podem não apenas sair de suas casas para a diversão na vida noturna, mas que também podem exercer uma profissão no cenário musical, como é o caso das DJs.

Contudo, como fora dito anteriormente, ainda que os processos históricos tragam mudanças em determinadas formas de agir e tentem romper com os paradigmas de valores tradicionalistas, existem conceitos arraigados na cultura social brasileira, fortemente marcada pelo patriarcado e pelo machismo nas mais diversas

relações sociais, sobretudo no mercado de trabalho.

A questão de gênero e as relações de poder no mercado de trabalho brasileiro

Muitas formas de pensar e agir se modificaram do século XIX até hoje, e outras tantas permanecem carecendo de mudanças. Dentre esses paradigmas, estão os que têm relação com as questões de gênero. Embora as mulheres muito tenham alcançado, ainda existem muitas batalhas a serem enfrentadas.

No século XX, os movimentos feministas alcançaram diversas conquistas através da consciência de gênero e do empoderamento feminino. O direito a sair da esfera privada e adentrar o mercado de trabalho foi uma dessas importantes conquistas. A divisão sexual do trabalho se estabelece então com o pressuposto de que os homens eram naturalmente provedores do lar, devendo sair à esfera pública para prover as necessidades da casa, enquanto às mulheres eram delegados os papéis que correspondiam à esfera privada, doméstica, os afazeres domésticos e a criação dos filhos.

Nessa dicotomia entre o público e o privado se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, homens provedores e mulheres cuidadoras. Assim, durante um período considerável de tempo, as atribuições sociais, ao mesmo tempo que limitavam as mulheres a permanecerem no espaço privado, delegavam aos homens, como “destino natural”, o espaço público. Com as transformações no cenário

socioeconômico, com as revoluções culturais e a força do movimento feminista no século XX, novas configurações sociais foram surgindo, fragilizando de modo conjunto a dicotomia entre público e privado e o modelo homem provedor e mulher cuidadora. (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 123)

Ainda que diante de visíveis avanços, conquistados através de muita luta do movimento feminista, há um árduo caminho a ser trilhado. A discriminação de gênero é latente na sociedade brasileira, fortemente marcada pelo machismo, uma sociedade velhaca, essencialmente patriarcal, em que o papel da mulher ainda está ligado à esfera doméstica e, mesmo que dentro do mercado de trabalho, nem todas as profissões são vistas como uma área para mulheres. Na área médica, por exemplo, é mais aceitável uma mulher enfermeira do que médica. As profissões que se assemelham ao papel da maternidade, como o magistério ou enfermagem, ainda são mais fáceis de aceitar a atuação da mulher do que a maioria das outras. Dentro desse contexto, enquadra-se o mercado artístico e, mais especificamente para os fins dessa pesquisa, a profissão de DJ.

É possível então compreender que as questões de gênero estão presentes em todas as áreas da sociedade. Em toda a esfera da vida humana, em cada fase, cada faixa etária, a mulher precisa se posicionar, precisa mais que tudo do empoderamento feminino. Em uma sociedade machista, todo o talento, dedicação, capacitação profissional parecem poucos e irrisórios diante do

simples fato de uma mulher ser mulher.

É válido então se questionar como se dá essa conceitualização de gênero. Como as relações de poder se inserem nas questões de gênero e como o empoderamento feminino tem papel primordial para a inserção das mulheres em quaisquer meios que desejarem.

A divisão sexual do trabalho é uma constante na história das mulheres e homens. As explicações para tal fato muitas vezes se apoiaram num determinismo biológico, a partir do papel das mulheres na reprodução biológica, buscando naturalizar essa divisão. A questão que se coloca é que esta divisão é carregada de significados e de práticas, que mudam conforme os diferentes tipos de sociedades e seu momento histórico. Tem em comum o fato de que o trabalho das mulheres, e aqui vamos nos deter na formação social capitalista, não ser tido apenas como diferente, mas como um trabalho que não recebe a mesma valorização e conseqüente remuneração atribuída ao trabalho masculino. (CARLOTO, 2002, p. 1)

O determinismo biológico é o primeiro fator para a distinção entre os gêneros masculino e feminino. O discurso machista se utiliza do determinismo biológico para validar sua fala com base em evidências ditas científicas, nas quais as mulheres naturalmente são mais fracas e, portanto, passivas e submissas e, por serem elas a parir e amamentar os filhos, são responsáveis por ficar em casa e cuidar dos filhos e de todas as tarefas que envolvem o ambiente doméstico.

Contudo, ainda que na ótica machista, mulheres devam executar apenas as tarefas domésticas, nem ao menos por isso elas são valorizadas. Como elas simplesmente fazem o que é natural, o que é determinado por sua condição biológica, suas funções no ambiente do lar não são consideradas como um trabalho, mas sim uma obrigação.

A não consideração dos afazeres domésticos como trabalho silenciou e tornou invisível, por muito tempo, relações assimétricas e de poder entre os sexos. Como as atividades domésticas eram baseadas nos vínculos de casamento e reciprocidades parentais, as relações de subalternidade e opressão entre os sexos ficavam escondidas na cumplicidade familiar, que reserva às mulheres o amor e cuidado à família, e ao homem a provisão financeira. (SOUSA; GUEDES, 2006, p. 124)

Esta divisão do trabalho baseado nas diferenças sexuais, rotula mulheres como incapazes e obrigatoriamente reprodutoras e domésticas por natureza. É então uma conquista do movimento feminista todas as mudanças nesse quadro. Começando pela utilização do termo "gênero", no qual as diferenças entre homem e mulher são mais uma construção social do que meramente biológico.

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do

determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. (SCOTT, 1995, p. 72)

Assim sendo, para Scott (1995), o que é esperado de uma mulher, o papel que o determinismo biológico relega a elas, não bastaria de convenções sociais e culturais. Os papéis de gênero são definidos por construções sociais. Meninas e meninos crescem envoltos de valores, moralidades e padrões de comportamento que definem o que é ser homem ou ser mulher e os papéis que cabem a cada um. Não há natural nessas questões.

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1995, p.75)

Como diz a máxima de Simone de Beauvoir, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (p.9). É nesse sentido que o gênero é um produto social. As mulheres, desde o nascimento, são forjadas, doutrinadas e até mesmo mutiladas para que se tornem o esperado socialmente. De igual forma,

elas são limitadas, cerceadas, silenciadas e dominadas para que estejam sempre em uma posição de inferioridade em relação aos homens, para que sejam sempre menos.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BLUTER, 2003, p. 34)

Diante do exposto, o empoderamento feminino é a única forma de libertação da mulher. O feminismo é então o único caminho para que as mulheres sigam quebrando os grilhões que as prendem e caminhem para uma sociedade mais igualitária, longe do padrão vigente em que a discriminação de gênero é naturalizada e aparece até mesmo em pautas e discursos políticos, muitas vezes sem nenhum disfarce.

A mulher DJ, que trabalha a noite em ambientes como casas de festa, boates e espaços de raves, lida com a discriminação de gênero e também com o assédio sexual a todo o instante. Em um meio marcado pelo machismo, as mulheres que se arriscam a seguir nesse sonho precisam lutar pelo seu espaço em um mundo dominado por homens. Dessa forma, o próximo capítulo irá abordar as barreiras pelas quais as mulheres DJs precisam enfrentar para se

estabelecerem nesse mercado de trabalho.

A mulher DJ no Brasil: o machismo no mercado de trabalho artístico

A sociedade brasileira é essencialmente machista e patriarcal. Essa realidade é enfrentada diariamente pelas milhares de brasileiras que enfrentam o mercado de trabalho em busca de seus sonhos, ambições e do almejado sucesso profissional. Dentre essas mulheres que se arriscam e lutam por seus ideais, estão as DJs, que além de enfrentarem um ambiente de trabalho machista e hostil às mulheres, lidam diariamente com o assédio sexual, em especial por conta de seus locais de trabalho.

As mulheres DJ trabalham em festas, nas noites, locais estes marcados por comportamentos agressivos por parte dos homens e assédio sexual. Esses modos de agir por parte dos homens fazem parte da chamada cultura do estupro, na qual as mulheres são vistas ainda como seres passivos, que ao sair de suas casas, ao decidir exercer determinadas profissões ou usar determinadas vestimentas, estão declarando sua disponibilidade para serem assediadas.

No dia 5 de maio de 2001, a Lei nº 10.224 foi promulgada e passou a definir o crime por assédio sexual. Desde então, segundo o Código Penal, art. 216– A, passa a ser crime:

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da

sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena: detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos.

O reconhecimento do assédio sexual como crime foi, sem dúvida, uma conquista importante nas pautas do movimento feminista. Contudo, episódios de assédio em ambientes de trabalho seguem acontecendo ao redor do Brasil. Dessarte, o meio de trabalho artístico ainda apresenta grandes dificuldades para as mulheres que seguem nesse meio, como é o caso das mulheres que exercem a profissão de DJ.

Para Sucena Júnior (2017, p.18), “percebe-se no movimento musical eletrônico uma predominância de homens DJs, tais como: DJ Malboro, Fat Boy Slim, Tiesto, David Guetta, e outros que se consagraram na cena musical”. Mesmo quem não costuma frequentar boates ou escutar música eletrônica, conhece ao menos um desses grandes nomes. O mesmo não ocorre quando se pensa em DJs mulheres. Ainda que ao redor do mundo haja um enorme número de mulheres nessa profissão e que muitas consigam se estabelecer no ramo, suas imagens nas grandes mídias não são tão divulgadas quanto as dos homens. Em todas as profissões, as mulheres sofrem com a subjugação de suas capacidades e conhecimentos, de igual maneira isso ocorre no universo dos DJs.

Essa cultura que, é a nossa, se revela inteiramente masculina, com exceção de raros domínios. A indústria e a arte, o comércio e a ciência, a administração civil e a religião foram criação do homem, e

não só apresentam um caráter objetivamente masculino, como, ademais, requerem, para sua efetuação repetida sem cessar, forças especificamente masculinas. [...] mas há nisso também um fato histórico, a saber, que nossa cultura, nascida do espírito e do labor dos homens, só é verdadeiramente adaptada à capacidade de produção masculina. (SIMMEL, 2006, p. 70)

Os processos históricos são constituídos de mudanças e continuidades. Assim sendo, ainda que o movimento feminista tenha conquistado muitas vitórias no quesito respeito ao direito de as mulheres trabalharem e ter a escolha das profissões que desejam seguir, a modificação completa da cultura machista da sociedade está ainda longe de ser alcançada.

Destarte, no cenário artístico brasileiro, os reflexos dessa cultura estão muito presentes. A presença maciça de homens nesse meio já causa um retraimento em muitas mulheres que manifestam a vontade de seguir em carreiras artísticas. Ainda que superem esse receio inicial, as mulheres precisam também enfrenar a discriminação de gênero que certamente irão enfrenar em algum momento de sua trajetória profissional.

Diante desse quadro estrutural da sociedade brasileira, pode-se compreender que o mercado de trabalho do DJ profissional não é um ambiente inteiramente aberto às mulheres. Embora essa seja uma profissão associada aos tempos atuais, ela surge na década de 70, com a chamada *disco music* que conquista o gosto da juventude. Segundo Pinto

(2005, p. 9), esse gênero musical é “um híbrido nascido das influências do soul e do funk, misturado a elementos eletrônicos, com velocidade entre 90 e 110 BPMs (batidas por minuto)”. É nesse cenário então que irão ser modelados os conceitos sobre a profissão de DJ, a qual define as “pessoas que escolhem e tocam músicas pré-gravadas para proporcionar diversão a terceiros” (PINTO, 2005, p. 9).

Sendo assim, o(a) DJ é um(a) profissional que monta listas de músicas para serem tocadas em festas, executa mixagem, reúne sons e batidas e cria assim novas músicas, opera aparelhos de som e trabalha em festas, casas de shows, boates e festivais de música. Todos esses ambientes são em sua maioria, palco de atitudes machistas e de assédio sexual. Dessa forma, para que uma mulher se estabeleça nesse ramo profissional, é necessário que enfrene muitos obstáculos.

No que tange à artista DJ, dificilmente se via em festas dos mais variados segmentos, a presença da mulher. Atualmente no circuito brasileiro e mundial é possível notar que esse quadro mudou positivamente. Se o lugar de mulher é em todos os lugares, por que não na picafe de uma pista de dança? (SUCENA JÚNIOR, 2017, p.102)

A mulher DJ é uma artista, trabalha nos palcos, nas pistas, em sua posição no trabalho que exerce, a DJ se destaca e por ser mulher, talvez se destaque até mais que os profissionais masculinos imagetivamente, por conta da utilização de diferentes figurinos,

maquiagens, estilos de cabelo. Tal fato também amplia o assédio que estas sofrem no trabalho. Faz-se necessário falar também da mulher DJ lésbica. Esta sofre dupla violência em seu ambiente de trabalho, pelo seu gênero e pela orientação sexual. Dessa forma, percebe-se que a mulher inserida no mercado de DJ irá enfrentar grandes dificuldades.

Fazendo um levantamento do elenco de DJs de todas as festas que observei realizadas na Zona Leste de São Paulo e região metropolitana pelos DJs que fazem parte da rede observada, contabilizei 136 DJs, dos quais entrevistei 25. Chama atenção o fato de que entre estes, 126 são homens, definindo-se uma proporção de 92% de homens para 8% de mulheres, o que nos mostra que o mundo dos DJs da periferia de São Paulo é um campo de atuação maciçamente masculino. (FONTARINI, 2008, p. 9)

Fontarini (2008), em sua tese de doutorado, observou, em meio a amostragem analisada, a maior presença de DJs homens nas festas da Zona Leste de São Paulo. Este cenário é comum em diversas outras partes do país, posto que, como anteriormente dito, o universo DJ ainda é muito dominado por homens.

Nesse cenário, a mulher DJ se depara ainda com a constante desconfiança sobre sua capacidade em trabalhar nesse meio. De acordo com Gavanoas e Reitsamer (2013, p. 58 apud VARGAS; CARVALHO; PERAZZO, 2018, p.10), as mulheres DJs “não são vistas como figura normativa de autoridade”. Ainda segundo Vargas, Carvalho e Perazzo (2018, p.10),

“outro motivo para a cristalização desse tipo de discurso, de acordo com as autoras, é que as mulheres frequentemente não são associadas ao interesse por tecnologia”.

Dessa forma, as mulheres são socialmente tidas como pouco interessadas por assuntos tecnológicos e, quando se interessam, sofrem uma série de zombarias por conta desse gosto que é entendido como masculino. Como a profissional DJ precisa lidar com diversos equipamentos tecnológicos, é comum que elas sofram com comentários que duvidem de suas habilidades em executar tal função.

Após fazer parte do trio feminino de rap A TAL, Luana decidiu aprender também técnicas de produção musical para ter mais autonomia sobre suas composições e poder se apresentar como artista solo. Estudou sonoplastia na SP Escola de Teatro, leu diversos tutoriais sobre produção e conseguiu montar seu *home studio*. Lembro que quando eu falava que queria ter um par de pick-ups [tocadiscos usados por DJs] o que eu ouvia era: “nunca você vai conseguir comprar” [...] Quando eu dizia que queria ser produtora, diziam: “você nunca vai conseguir produzir, é muito difícil”, ela ressalta, uma vez que a mulher DJ geralmente encontra maiores obstáculos do que os homens no cenário musical. (VARGAS; CARVALHO; PERAZZO, 2018, p.10)

Por conseguinte, homens e mulheres que atuam como DJs não partem do mesmo ponto ou sofrem os mesmos preconceitos e dificuldades. As habilidades, talentos e competência femininas estão sempre sendo colocados em dúvida. Enfrentar o machismo estruturado no meio do

mercado brasileiro e, especificamente, no meio artístico, é o cotidiano de muitas mulheres que se subvertem em busca de seus sonhos e seguem na luta por uma sociedade mais igualitária e receptiva às mulheres nos mais diversos ramos profissionais.

Conclusão

O presente trabalho buscou analisar como o machismo estrutural está presente nas relações de trabalho no Brasil. Nesse sentido, foi possível perceber que a questão de discriminação de gênero percorre diversas áreas da sociedade, inclusive a profissional. Em meio a cultura do machismo, homens são criados desde pequenos para terem a convicção de que são capazes de realizar diversas tarefas e funções profissionais. De outro lado, as mulheres são criadas para serem retraídas, ensinadas a nunca expor em demasia suas opiniões, a serem discretas e orientadas a seguir carreiras que mais condizem com as capacidades e vocações de uma mulher.

É deste modo que se pode questionar o determinismo biológico que diferencia homens e mulheres através de suas características natas, propondo que as diferenças entre os gêneros são intrínsecas, naturais, fisiológicas. Contudo, o ser humano é um ser social e a formação de seus valores, hábitos, formas de pensar e de agir estão muito mais relacionadas às construções culturais e sociais.

Assim sendo, se as mulheres sofrem diversas ações discriminatórias por conta de seu gênero e são subjugadas no mercado de trabalho isso

ocorre por conta da naturalização e institucionalização do machismo. Em meio a este panorama, o exposto trabalho buscou analisar essa realidade no contexto das mulheres DJs.

Durante a análise da literatura desta pesquisa, foi possível perceber que o meio de trabalho artístico é maciçamente dominado por homens. De igual maneira, o universo dos DJs conta também com a predominância da presença masculina entre seus profissionais. Essa realidade afasta muitas mulheres que desejam seguir carreira nessa profissão.

Contudo, muitas mulheres desafiam a cultura vigente e se lançam em busca de suas vontades para realizar seus sonhos e sucesso profissional. Assim, o número de mulheres DJs cresce e elas batalham para se sobressair nesse universo masculino e machista, remodelando muitos conceitos e abrindo, ainda que a força, os espaços para a presença das mulheres.

Dessarte, ainda que o machismo esteja presente em diversas áreas da sociedade, o movimento feminista conquista muitas vitórias e direitos para as mulheres. Os tempos atuais são sem dúvidas mais abertos às mulheres, para que estas exerçam suas escolhas e lutem pelos seus ideais. Assim, ainda que enfrentem muita discriminação e sejam subjugadas como incapazes de exercer determinadas profissões, como a de DJ, o feminismo garantiu a elas o direito de lutar e de se inserirem no mercado de trabalho em quaisquer áreas que quiserem.

Referências

ARALDI, J. Prática musical de DJs: um estudo sobre formação musical e tecnologia. **Nehte**, 2010. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Juciane-Araldi.pdf>. Acesso em 23 de março de 2020.

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CARLOTO, M. (2002). Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. **Serviço Social em Revista**, v. 4, n. 5. Londrina.

CARVALHO, N. Dj, novas mídias e as formas criativas de colagem do *sampling* na música pop. **Casperlibero**, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Nilton-Faria-de-Carvalho-USCS.pdf>. Acesso em 28 de março de 2020.

COHN, G. Introdução. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**. Max Weber; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERREIRA, V. (2017). Ser DJ não é só Soltar o Play: a pedagogização de uma nova profissão de sonho. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 473-494.

FONTARINI, I. OS DJs DA PERIFA: música eletrônica, mediação, globalização e performance entre grupos populares em São Paulo. **Lume**, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14398>. Acesso em 10 de abril de 2020.

GALETTA, D. (2011). Música Popular Brasileira no contexto das tecnologias digitais: a produção independente e a emergência de novas estratégias e representações sobre as identidades musicais. **C • Legenda**, v. 2, n. 24. Niterói. p. 77-87.

GALLETTA, T. Cena musical independente paulistana - início dos anos 2010: a música brasileira" depois da internet. **Repositorio Unicamp**, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279205>. Acesso em 20 de março de 2020.

GARSON, M. (2018). Música eletrônica, a formação de uma cultura. **Latitude**, vol. 12, n.1, p. 106-130.

HONORATO, R. Das pistas para as cabines: as DJs da cena de música eletrônica de pista de Brasília. **BDM**, 2018. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/22536>. Acesso em 06 de abril de 2020.

NAKANO, D. (2010). A produção independente e a desverticalização da cadeia produtiva da música. **Gestão e Produção**. v. 17, n. 3. São Carlos. p. 627-638.

PEDROSA, R. A virtualização da música na cultura DJ: indissociabilidades entre autores e ouvintes. **Repositório UNB**, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/am/10482/1554_9/3/2013_RamiroGalasPedrosa.pdf. Acesso em 30 de março de 2020.

PINTO, H. Traços da pós-modernidade: o discurso dos DJs da cena techno de Brasília **Repertório Uniceub**, 2005. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1327_1/2/20164509.pdf. Acesso em 10 de abril de 2020.

SCOTT, J. (1990). Gênero, uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. v. 16, n 2. Porto Alegre. p. 5-22.

SIMÕES, J. A. (2013). Entre percursos e discursos identitários: etnicidade, classe e gênero na cultura hip-hop. **Revista Estudos Feministas**. v. 21, n. 1. Florianópolis, p. 107-128.

SOUSA, L. P. & GUEDES, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**. v. 30, n. 87. São Paulo. p. 123-139.

SUCENA JUNIOR, E. Na *vibe* das mulheres DJs: sentimento, mixagem e subversão (2017). Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7561>. Acesso em 10 de abril de 2020.

VARGAS, H; CARVALHO, N. & PERAZZO, P. F. (2018) Remix e *sampling*: identidades e memória dos DJs na música eletrônica. **Revista Famecos**. v. 25, n. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.1-18.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 21/09/2020
Aprovado em 23/11/2020